

# No romance, a anarquia corporal

*Novo livro de Roberto Freire vê a liberdade por meio da vida de dois irmãos*

**D**efensor do anarquismo, do socialismo libertário e da Soma, prática terapêutica corporal e em grupo baseada na obra de Wilhelm Reich utilizada na prevenção e recuperação de pessoas submetidas à repressão autoritária, Roberto Freire lança a primeira parte de *Os Cúmplices*, seu terceiro romance, realizando uma apologia da liberdade.

Se em *Cleo e Daniel* o escritor paulista contava uma história de amor entre adolescentes à Romeu e Julieta, e, em *Coiote*, narrava as aventuras de um jovem engajado na formação de uma comunidade anarquista, em *Os Cúmplices* enfoca a saga de Bruno e Victor Conti, dois irmãos inseparáveis que se complementam em todos os aspectos.

A primeira parte abarca a infância e a adolescência dos rapazes, mostrando o amadurecimento político e social de ambos. Os dois personagens são, de fato, um só. Formam um todo harmônico que corresponde, em diversos aspectos, a várias facetas da vida do próprio Roberto Freire, médico de formação, mas com experiência em jornalismo e teatro.

Enquanto Bruno deseja ser jornalista e desperta logo para a sexualidade, Victor demora mais para encontrar sua vocação de ator e se conserva virgem por mais tem-

po, envolvendo-se em um relacionamento amoroso que o levaria a um casamento que o irmão se apressa em evitar. Decepcionado, Victor quase se torna franciscano, mas também é dissuadido por Bruno.

Roberto Freire não revela talento excepcional como romancista no que diz respeito a diálogos elaborados ou enredos mirabolantes. No entanto, seus textos transmitem grande sinceridade por estarem a serviço de uma proposta de vida: o individualismo anárquico, que não deve ser confundido, com o que o próprio escritor chama de "egoísmo burguês e capitalista".

O maior conflito ideológico do romance ocorre entre a ideologia do prazer, defendida ardorosamente por Bruno e a do sa-



Arquivo/AE

**Roberto Freire, autor de *Os Cúmplices*: novas variações em torno do individualismo anárquico**

*cúmplices*. Trata-se, porém, de uma posição existencial do autor. O ato sexual não é utilizado como fórmula de apelo editorial, mas sim como um mecanismo de libertação em busca do prazer e do equilíbrio físico e psicológico.

Os irmãos Conti são introduzidos na

crifícia. Esta última geraria a neurose, ameaça que ronda a vida de Victor. Em contrapartida, uma amostra clara do amor de Bruno pela aventura é a sua atuação como cúmplice de Meneghetti somente para escrever uma reportagem sobre o lendário ladrão.

O leitor que não conhece outras obras de Freire, principalmente o fascinante *Ame e dê vexame*, pode ficar surpreso com a quantidade de cenas de sexo em *Os*

ideologia anarquista graças a palestras de José Ângelo Gaiarsa, José Oiticica e Maurício Tragtemberg, pessoas que valorizam o indivíduo e sua luta para ser feliz, conceito que, no anarquismo, está intrinsecamente ligado ao de liberdade em todos os aspectos, tanto no ato sexual como nas relações afetivas.

As ações se passam nos anos 50, havendo referências ao talento de Noel Rosa e de Adoniran Barbosa. Este último ganha relevância porque os protagonistas são descendentes de italianos que se instalaram no bairro do Bexiga. Paralelamente, as músicas que embalam as festas são cantadas por Elvis Presley, enquanto o papel de idolo da juventude cabe ao ator americano James Dean.

O romance explicita a opção pelo anarquismo e a luta contra o autoritarismo. Nesse aspecto, o texto é perfeito. Todavia, seu valor especificamente literário fica em segundo plano perante o desejo de mostrar que o socialismo libertário é o melhor remédio, tornando-se uma escolha pessoal em que a liberdade prevalece, seja na política, no sexo ou no amor. **(O.A.)**

☐ **OS CÚMPLICES (volume 1)**, de Roberto Freire. Sol e Chuva, 332 págs., R\$ 33,00.